

RESENHA

Leila Marrach Basto de Albuquerque
UNESP - CEDEM

FELICE, Philippe de. **Venenos Sagrados. Ebriedad Divina**: Ensayo sobre algunas formas inferiores de la mística. Madrid: Ediciones Amargord, 2010. Prólogo de Javier Esteban. Tradução de Raquel García Rojas.

Poisons sacrés, Ivresse Divines. Essai sur quelques formes inférieures de la mystique teve sua primeira edição em 1936, na França, pela editora Albin Michel. Esta edição espanhola conta com belíssimo prólogo de Javier Esteban intitulado “Los intoxicados de Dios y el Lobo Blanco”.

Philippe de Felice (1880 - 1964) era francês, fez seu doutorado em Teologia em Montauban em 1906, foi professor na Universidade de Paris e pastor protestante. Dedicou-se a cuidar de alcoólatras procurando entender por que, apesar dos danos que esta bebida e outras substâncias causam à saúde e à vida social dos seus consumidores, eles se viciam e não abandonam o seu uso. Além disso, identifica uma íntima semelhança entre a embriaguez e o êxtase místico. “De hecho, las perturbaciones de orden psicológico e fisiológico que preceden y acompañan a los éxtasis místicos no dejan de tener analogias con las que provoca el abuso de bebidas alcohólicas”. (FELICE, 2010, p. 22) Esta constatação o leva, então, a pesquisar religiões que fazem uso de substâncias psicoativas em diferentes contextos e períodos históricos. Todo seu esforço se apoia no pressuposto antropológico de que a busca do êxtase, seja qual for, atende à necessidade de que o homem sente de transcender a si mesmo.

A primeira parte, “Toxicomanias Actuales”, está dividida em quatro capítulos. No primeiro, o autor identifica a relação entre êxtase místico e o uso do álcool como um sucedâneo da religião. Nos seguintes, trata do ópio, do seu uso na China e sua afinidade com o Taoísmo, da coca, do seu papel sagrado no Peru e da cocaína, e aborda as experiências místicas contemporâneas ligadas à toxicomania.

A segunda parte “Las intoxicaciones religiosas en los pueblos primitivos” conta com oito capítulos quando Felice trata do uso religioso de substâncias psicoativas e

suas consequências em diversas culturas e sociedades simples. Apresenta a bebida *kava* entre os povos da Oceania, a ayhuasca nas populações da região amazônica, o tabaco no Novo Mundo, o uso do cânhamo no Islão e em algumas sociedades africanas, e do *katt* na Etiópia. Traz também o consumo do peyote entre os índios mexicanos e norte-americanos. Aborda, ainda, as bebidas produzidas, pela iboga, pela mandioca, pelo milho e outros vegetais em populações da África e da América do Sul. No último capítulo desta parte, o autor se dedica a refletir sobre o uso de drogas em doentes mentais e sugere analogias entre a experiência artística e o êxtase religioso.

A terceira e última parte, “Las ebriedades divinas em las religiones de los pueblos indoeuropeos” contém quatro capítulos voltados para avaliar a universalidade da relação entre o uso de substâncias psicoativas e o êxtase místico. Para tal, aborda sua presença nas grandes religiões. Trata do soma no Hinduísmo e o haoma no Zoroastrismo. Observa que “No se bebia el soma o el haoma sin haberse preparado com mortificaciones que podiam favorecer la acción psíquica y fisiológica de la droga” (p. 213). Identifica o mesmo procedimento entre os primitivos contemporâneos, quando tomam seus estupefacientes. Segue avaliando o êxtase religioso nas civilizações grega, romana, celta e alemã. E ao final desta parte afirma:

Así es como se há prolongado a través de los siglos y casi hasta nuestros días, en el seno de las masas populares, una tradición religiosa de la que se puede encontrar la fuente em los estados místicos que los antiguos indoeuropeos, como tantos otros primitivos, obtenían com el consumo de las bebidas embriagantes [...] La embriaguez sigue siendo um medio de satisfacer la eterna necesidad de franquear sus próprios límites y entrar em comunión com aquello que le supera. (p. 276 - 7).

Nas suas conclusões o autor, pela primeira vez nesta obra, apresenta suas restrições às experiências induzidas pelo álcool e pelas substâncias estupefacientes contemporâneas e encerra suas reflexões recomendando a volta à autêntica espiritualidade cristã.

Inegavelmente, Felice aborda o uso de substâncias enteógenas pelo homem a partir de uma perspectiva evolucionista, demonstrada pelo seu farto uso de termos como selvagem e primitivo em oposição à civilização. Chamo a atenção para a pouca atenção que o autor dedica aos aspectos culturais que cercam os usos dessas substâncias, o seu caráter coletivo no interior de rituais e a sua condução por um sacerdote ou xamã.

Terence McKenna, etnobotânico especialista em xamanismo e etnomedicina defendeu a importância crucial dos efeitos metabólicos de certas plantas na criação da cultura e da linguagem, no paleolítico. McKenna vai buscá-las em religiões, como faz Felice, mas com outro horizonte:

Nossos ancestrais remotos descobriram que certas plantas, quando auto-administradas, suprimem o apetite, diminuem a dor, proporcionam jorros de energia súbita, conferem imunidade contra patógenos e sinergizam atividades cognitivas. Essas descobertas levaram-nos à longa jornada para a auto-reflexão. [...] Essas mudanças imensas ocorreram em grande parte como resultado das sinergias entre os seres humanos e as várias plantas com as quais eles interagiram (MCKENNA, 1995, P.21 - 2).

Pollan (2018) trata da retomada das pesquisas com substâncias psicodélicas desde os anos de 1990 por psiquiatras que trouxe resultados positivos para doentes terminais, pessoas com depressão, ansiedade, vício e demais distúrbios mentais. Quero destacar aqui dois aspectos importantes desses estudos: 1) a expansão da mente experimentada pelos pacientes ou voluntários é frequentemente descrita como experiência “mística”, e 2) os experimentos se dão em um “ambiente”, em um local preparado para tal, sempre acompanhados pelo psiquiatra. É possível encontrar nisto analogias com rituais religiosos e a presença do xamã, como ocorre em outros contextos culturais.

Enfim, o livro de Felice abre perspectivas pouco exploradas pelos estudos de religião, ao associar as experiências místicas à busca de evasão e ao admitir o papel destacado dos estupefacientes, neste caso, enteógenos.

REFERÊNCIAS

- MCKENNA, Terence. **O alimento dos deuses**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
POLLAN, Michael. **Como mudar sua mente**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.